

Isabel Capelo Gil

Reitora UCP

Discurso do Dia da Universidade Católica 2022

Por um novo Humanismo

Sua Eminência Reverendíssima, Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente;

Excelência Reverendíssima, D. Ivo Scapolo, Núncio Apostólico

Sra Juíza Conselheira do Supremo Tribunal de Justiça

Sr. Presidente da Câmara de Sintra,

Srs Embaixadores,

Srs Reitores,

Antigos Reitores da UCP,

Srs. Vice-Reitores, srs. Pro-Reitores, senhora Administradora,

Sr Dr. António Horta Osório, Prof. Joseph Weiler,

Senhores Membros do Conselho Superior,

Senhores Bastonários das Ordens de Advogados e da Ordem dos Economistas

Senhores Presidentes de Fundações

Senhores Diretores de Faculdades e Institutos,

Senhores Professores, estudantes e colaboradores da UCP,

Novos Doutores pela UCP

Benfeitores e *alumni*,

Sua Alteza Real, D. Duarte Nuno de Bragança,

Demais autoridades religiosas, civis e militares,

Distintos convidados,

A Universidade Católica Portuguesa celebra em 2022, 55 anos de existência. Vive um tempo de maturidade que é também ocasião de inovação, sem deixar a reflexão crítica, que nos faz avançar com segurança. Entre as universidades mais antigas somos jovens, em Portugal atingimos a meia idade e face ao Sul global temos já uma idade

avançada. Juntamos porventura na forma como olhamos a universidade e o seu impacto, três atitudes distintas mas fundamentais na relação com o modo de produção de conhecimento, e que recordam o dito sarcástico de Oscar Wilde: “The old believe everything, the middle aged suspect everything, the young know everything.” No fundo são estas as atitudes fundacionais da prática académica: acreditar, suspeitar, conhecer. Uma proposta de sucesso parte desde logo da crença profunda na possibilidade da realização, e a suspeita, que está na raiz da indagação, é estruturante para a obtenção de conhecimento.

A senhora de meia-idade, que é a universidade Católica, é filha de um sistema europeu milenar. Face à velocidade do tempo presente a ideia e o ideal de universidade parecem sugerir a imortalidade da instituição, que ela não terá fim. E, contudo, os sinais são contraditórios. Agravada pela pandemia, a discussão em torno do modelo, da função, da relação da universidade com a comunidade, o país e o mundo redobra de fulgor. Mas a orientação do debate não se tem alterado muito, continuando a oscilar entre a jeremiada crítica e o caminho da aspiração empresarial.

Há mais de duas décadas, Bill Readings no seu famoso *The University in Ruins* (1997) anunciava a morte da universidade fundada nos ideais de Humboldt e ligada à projeção do estado-nação, e ancorada também nos valores humanistas defendidos por São John Henry Newman, desenhando um ideal de universidade mais centrada na articulação entre educação moral e conhecimento, do que propriamente na investigação e avanço do conhecimento científico. A jeremiada de Readings criou todo um género que se manifesta na denúncia da morte da universidade como centro da crítica humanista. Terry Eagleton em ‘The Slow Death of the University’ (2015) articula a decadência da universidade à contaminação pela lógica do capitalismo. Diz: “Across the globe, (...) the institutions that produced Erasmus and John Milton, Einstein and Monty Python, capitulate to the hard-faced priorities of global capitalism.” Por sua vez, a linha de reforma contrária, assinalada em diversos estudos de prospetiva sobre as tendências de desenvolvimento do ensino superior a nível global, defendia antes da pandemia o abandono da lógica de grau – a favor de unidades de crédito acumuláveis e funcionalizadas às necessidades do mercado de trabalho; defendia o recurso crescente à tecnologia, senão mesmo a virtualização total

do modelo acadêmico e a mudança para uma universidade *da e na cloud*; e finalmente defendia-se em consequência a deslocalização da universidade da lógica comunitária e presencial para um modelo nômada *off campus*.

A pandemia demonstrou a inadequabilidade de todas estas propostas. A organização do modelo acadêmico segundo a lógica de grau está para ficar, se bem que assumindo uma transversabilidade de saberes essencial para fornecer aos licenciados e mestres as competências para agir sobre uma realidade que não se submete a silos. Entender o que é, como funciona, e qual o sentido são questões fundadoras do gesto que subentende qualquer prática acadêmica, um conjunto de questões que na sua origem pressupõem uma epistemologia ecológica. A silagem disciplinar é, sabemo-lo bem, um retrocesso da ordem do saber. A monocultura acadêmica constitui a derradeira ameaça interna à ecologia integral como proposta profunda de redefinição do modelo de produção de conhecimento da universidade.

Em segundo lugar, a pandemia deu-nos maior confiança para a introdução massiva de instrumentos e plataformas tecnológicas no modelo de ensino, mas também sinalizou a importância insubstituível do ensino presencial, da interação dinâmica entre a comunidade de professores e estudantes num espaço comum. O que nos leva à terceira dimensão, à da suposta universidade nômada. A experiência de campus continua a ser essencial ao desenvolvimento do complexo e sofisticado modelo de aprendizagem universitário, mas terá necessariamente de se adequar a uma nova e exigente estrutura de sentimento. O campus universitário constitui-se como espaço de acolhimento, laboratório do mundo, onde se cruzam diferentes agentes e partes interessadas, os professores, os cientistas, os investigadores, as organizações profissionais, as empresas, a indústria, a administração pública, as entidades não governamentais, a diáspora da esperança do talento global, mas também a diáspora da necessidade da comunidade de estudantes e professores oriundos de zonas de risco. (Apoio da UCP Fundo Papa Francisco, Afghan Relief Effort, criado para apoio específico a estudantes afegãos e suas famílias e que colabora agora com o serviço jesuíta de apoio aos refugiados para integração de refugiados). A universidade reinventa-se, portanto. E ao fazê-lo faz jus ao que foi afinal sempre a sua missão.

Na Católica, fizemos o debate e aprovámos o Plano de Desenvolvimento Estratégico “O Valor dos Valores: A Criar Futuro no Presente”, que se coloca metas transformacionais ambiciosas no sentido de cumprir a nossa visão de promover a UCP como “universidade europeia líder em investigação de impacto e ensino de base transformacional, continuando a posicionar-se entre as melhores universidades católicas à escala global.” Articulamos a ambição do ensino de excelência com a lógica disruptiva da ciência transformadora e eticamente responsável. É certo que a disrupção em ciência não é objetivo, mas caminho. O desenvolvimento de soluções aplicacionais e de transferência é estratégico para uma visão de ciência que se quer transformadora e a produzir impacto. Permito-me salientar o projeto de Alchemy, da Escola Superior de Biotecnologia, projeto de interesse nacional em articulação com a empresa americana Amyris, que já se alargou a uma parceria estratégica com o American Infectious Disease Research Institute (IDRI), para trabalhar no desenvolvimento de adjuvantes de vacinas sustentáveis para aplicação futura em cenários de pandemia (projeto Gluvac), ou a integração da Faculdade de Medicina da UCP no projeto da Fundação Bill e Melinda Gates de uma plataforma mundial de cientistas que se dedicam ao desenvolvimento de uma nova vacina contra a tuberculose. Mas é igualmente importante o desenvolvimento exigente de uma ciência fundamental de excelência, vertida por exemplo na filosofia do recentemente criado Católica Biomed, em parceria com o Instituto Gulbenkian de Ciência e que já atraiu quatro titulares de bolsas ERC. E não menos importante é a criação de espaços de pensamento crítico estruturado, como será o Institute for Global Cultural Futures, e já é o LED – Laboratório de Ética Digital, que trabalha as grandes questões da Big Data no cruzamento disciplinar entre a engenharia, a gestão e a economia, a filosofia, a ciência política e o direito. Nos últimos 4 anos, a UCP esteve envolvida em projetos de investigação de base competitiva que ascendem a 87M.

É preciso ousar, antecipar a mudança, e agir, com responsabilidade. Edward Wilson, biólogo e entomólogo da Univ.de Harvard recentemente falecido e um dos mais notáveis cientistas dos nossos tempos, um dos fundadores da sociobiologia e do estudo da biodiversidade, no seu legado às gerações futuras, *Letters to a Young*

Scientist, escreve que todo o trabalho académico é um ato de coragem, resiliência e confiança, ou não é: “(...) courage in science is born of self-confidence (without arrogance!), a willingness to take a risk but with resilience, (...) a set of mind that prepares you to take a new direction if thwarted (...) win or lose. ‘You try the impossible to achieve the unusual.’ (Wilson, 2013:147)

Tentar o impossível para conseguir o que não é habitual tem sido a nossa história. Em 2021, inaugurámos a primeira Faculdade de Medicina privada, instituímos um novo centro de investigação de ponta no campo das ciências biomédicas, inaugurámos a primeira licenciatura em Philosophy, Politics and Economics, no país. E em tudo isto, colocamos o cultivo do talento, das pessoas, no centro das nossas preocupações. Vamos também dar início ao mais vultuoso investimento em ensino superior feito em Portugal: o novo Campus Veritati, com uma área de construção nova de 57.000m² e a renovação da zona Sul do campus da Palma de Cima. São infraestruturas dedicadas ao desenvolvimento e uma universidade nacional, de lastro global, que melhorarão a experiência do campus, reforçando a ligação com a comunidade, potenciando a universidade como espaço de projeção da vanguarda do conhecimento. Vamos fazer melhor pelo país e contribuiremos com a valência das nossas 17 unidades académicas nacionais para tornar a novidade da ciência, e a educação com valores em motores de crescimento do país.

Por isso, este ano e respondendo ao apelo do Papa Francisco, escolhemos como lema do nosso Dia Nacional, ‘Por um Novo Humanismo’. Na transformação voraz de estruturas e mentalidades, agravada pelos desafios da pandemia, é crucial renovar e atualizar os valores do humanismo. Para tal é necessária uma religação ao sentido original do humanismo enquanto prática, configurada em duas linhas matriciais: a da formação e ação do bom cidadão e a educação integral. Recolocar o humanismo como orientação para a experiência vivida da humanidade significa não apenas colocar a dignidade da pessoa como matriz da ação individual e coletiva, mas ter consciência da variedade da sua expressão à escala global e dos seus desafios.

O novo humanismo salienta a centralidade da pessoa sem a reduzir ao individualismo narcísico, exerce-se numa cultura de diálogo cultural, na relação com

o planeta como nossa casa comum, na proposta de uma cultura do acolhimento dos mais frágeis, de uma economia com crescimento solidário, de sociedades que garantam a igualdade de todos perante a lei, que defendam os valores da democracia.

Este humanismo solidário vincula a fé à missão de esclarecimento que é própria da universidade. A necessidade de crer fundamenta a vontade de saber, como escreveu a doutora *Honoris Causa* pela UCP Julia Kristeva. A universidade é por definição o espaço de educação integral da pessoa. Este deve articular espaços de tensão: integrando o rigor da exploração científica com a sensibilidade transversal para propostas de conhecimento oriundas de quadros disciplinares distintos; articulando a rapidez e a flexibilidade para inovar com o tempo lento da reflexão; estabelecendo pontes entre a ciência de laboratório e o laboratório vivo da nossa casa comum; afirmando a liberdade criativa e de investigação sem descurar a realidade da revelação. E sobretudo numa universidade católica a proposta de um novo Humanismo exige afirmar o conhecimento produzido como serviço à humanidade na sua relação diversa com o mundo. Somos a instituição que somos, justamente porque fomos sempre mais que uma instituição.

É justamente a inspiração de uma ação de serviço à humanidade que, nos termos do artigo 75 dos Estatutos da Universidade Católica Portuguesa justifica que o grau honorífico de doutor seja atribuído pela universidade a personalidades “que hajam contribuído de forma eminente para o progresso das ciências ou para o esplendor das letras ou das artes, às que hajam bem merecido da Igreja, do país ou da Humanidade.” Hoje, a Universidade tem o privilégio de conferir o grau de doutor *honoris causa* a António Horta Osório e ao Prof. Joseph Halevi Horowitz Weiler. Num tempo de indefinição, são personalidades que arriscaram o impossível para conseguir o que não é habitual. Ambos contribuíram com a sua ação para que a UCP seja hoje uma universidade de excelência, com ambição, exigente consigo e autónoma na afirmação estratégica do seu caminho.

António Horta Osório é o primeiro *alumnus* a quem a Universidade confere o título de doutor *honoris causa*. Licenciado em Administração e Gestão de Empresas pela Faculdade de Ciências Humanas, depois tornada FCEE e agora Católica Lisbon School of Business and Economics, de António Horta Osório se pode dizer que ao

longo da sua carreira como estudante, académico, gestor, banqueiro, se destacou e foi reconhecido como *primus inter pares*. No seu percurso profissional tem sido um extraordinário agente de mudança, ousando transformar o impossível, com uma atividade excecional que passou pelos mais prestigiados bancos a nível mundial, pelo acompanhamento e mais recentemente presidência de Fundações científicas, como a Fundação Bial, até ao mundo da arte e da cultura, de que é testemunho a sua nomeação pelo PM britânico para presidir ao Conselho de Administração da Wallace Collection em Londres. Pelo seu percurso ímpar foi condecorado pelo Presidente da República Portuguesa, pelo Rei de Espanha, pelo governo brasileiro e agraciado com o título de cavaleiro pela Rainha Isabel II. Numa entrevista ao *Financial Times* em abril do ano passado dizia que o seu lema era afinal, inspirado em Nelson Mandela, ‘to learn your lessons and always do better and be better’. Sir António Horta Osório tem um percurso de exceção que a sua Escola e a Universidade Católica têm o enorme orgulho em reconhecer com o seu mais elevado galardão.

Prof. Joseph Weiler, Jean Monet Chair at NYU, is a leading global scholar in European Studies, a thought leader, who presided over the European University Institute in Florence from 2013 to 2016 and a vocal and passionate defender of pluralism, particularly religious pluralism. He has been a driving force to pivot Católica’s prestigious Global School of Law into becoming a leading global school. Prof. Weiler is also a member of the Law School’s Strategic Development Committee that has proposed a new roadmap for the development of legal education at UCP. In addition, he has been a consultant and advisor to many governments. One of his most famous cases on behalf of pluralism was the defense before the European Court of Human Rights of the Lautsi vs. Italy case, where he defended and succeeded in granting Italy the right to require the crucifix to be displayed in public school classrooms. He is a strong defender of the articulation of religion with public life and has called for the overcoming of a certain Christophobia in Europe, because as he writes “recognizing that Christianity is one of the central elements in the evolution of Europe’s unique civilization” does not preclude ‘the celebration of the noble heritage of Enlightenment humanism’. His influential work has been published in 15 different languages and he has received numerous honors and awards internationally. Dear

Prof. Weiler, dear Joseph, UCP is proud to recognize your service to humanity, to legal education, to our university and to Europe by conferring this Honorary Doctorate in Law.

Reconhecemos nos nossos agraciados de hoje a liderança inspiradora, o contributo para o desenvolvimento de sociedades robustas, afluentes, coesas, sustentáveis e com ambição. Também eles, fizeram o que parecia impossível e acreditaram num futuro melhor. Dirijo-me por fim aos novos Doutores pela UCP, dando-lhes os parabéns institucionais e as boas vindas à nova comunidade académica, fazendo votos para que com o vosso talento contribuam para um desenvolvimento sustentável e solidário, que não prescinde da ambição e da inquietude que faz parte da busca que toda a carreira académica é.

Termino com palavras luminosas proferidas no tempo sombrio da pandemia pela poeta Amanda Gorman, durante a tomada de posse do Presidente norte-americano há um ano e que resumem de forma simples aquele que acredito ser um bom lema para o nosso propósito como universidade e sociedade, no meio dos muitos impossíveis. *“For there is always light, /If only we’re brave enough to see it./If only we’re brave enough to be it.”*

Muito obrigada.